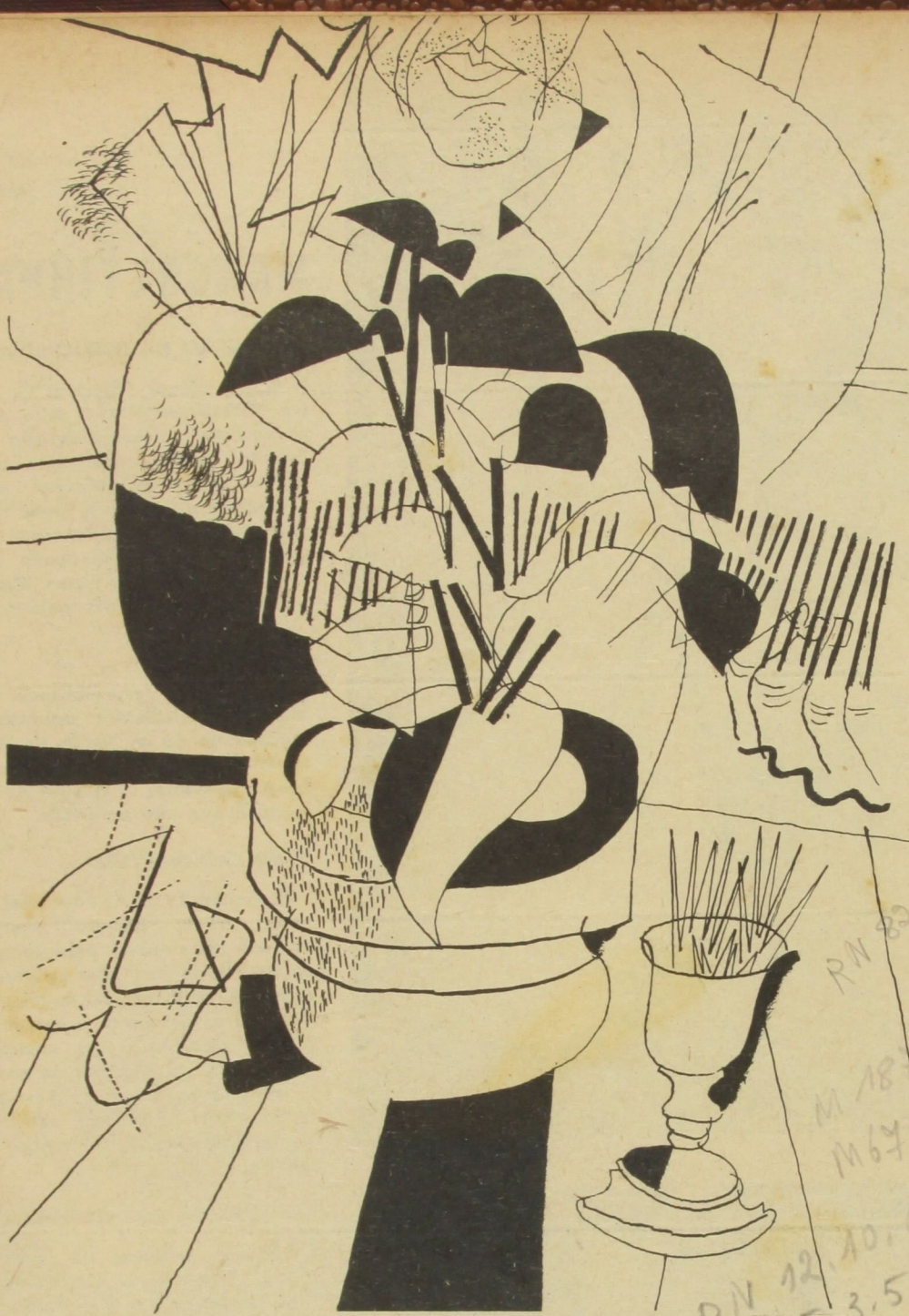


Sinto que o mês presente  
me assassina

MÁRIO FAUSTINO

Sinto que o mês presente me assassina,  
As aves atuais nasceram mudas  
E o tempo na verdade tem domínio  
Sobre homens nus ao sul de luas curvas.  
Sinto que o mês presente me assassina,  
Corro despido atrás de um cristo preso,  
Cavalheiro gentil que me abomina  
E atraí-me ao despidor da luz esquerda  
Ao beco de agonia onde me espreita  
A morte espacial que me ilumina.  
Sinto que o mês presente me assassina,  
E o temporal ladrão rouba-me as fêmeas  
De apóstolos marujos que me arrastam  
Ao longo da corrente onde blasfemas  
Gaivotas provam peixes de milagre.  
Sinto que o mês presente me assassina,  
Há luto nas rosáceas desta aurora,  
Há sinos de ironia em cada hora  
(Na libra escorpiões pesam-me a sina)  
Há panos de imprimir a dura face  
À força de suor, de sangue e ehaga.  
Sinto que o mês presente me assassina,  
Os derradeiros astros nascem tortos  
E o tempo na verdade tem domínio  
Sobre o morto que enterra os próprios mortos.  
O tempo na verdade tem domínio,  
Amen, amen vos digo, tem domínio  
E ri do que desfere verbos, dardos  
De falso eterno que retornam para  
Assassinar-nos num mês assassino.



FAZENDA

É melhor você ir com o Fritz. O Marechal é muito ruim.

Pobre Marechal! Acabei dando um passeio com ele, e era na verdade muito ruim; preguiçoso, duro de bôca, trotão. Dêsse trote incômodo saía para um galope curto e desconfortável; de chibata e espora, mão no freio, forcei sua marcha. Era dura e cansativa, e a qualquer descuido degenerava em trote ou galope. A culpa não era do bicho: tinham-no feito trabalhar mais de ano na carroça, coisa que não se deve fazer com um marechal.

Fritz é macio, de boa marcha, e seu único defeito é ser muito tropicador. Levo na garupa um menino da roça, saltamos na orla de um capão, a passarinhar. Entro no mato de botas, com esse medo de cobra que é o sinal ridículo do homem acostumado à cidade; o menino vai descalço. Quando me afasto dele, tenho prazer em andar sozinho na sombra verde, cheia de pios e zunidos; em algum lugar perto um córrego murmura. Vou quebrando galhos e afastando cipós, um arbusto tem alguma coisa de familiar que me chama a atenção: é um pé de café. Os grãos são pequenos e verdes; no chão há muitas mudas de um a dois palmos, nascidas dos frutos caídos. O café sobreviveu apenas assim, guardado pelo mato que o envolveu, nesta velha fazenda fluminen-

se que hoje é apenas de criação. Visito as instalações em ruínas, onde se beneficiava o café e se fazia açúcar de cachaça. As senzalas eram aqui, formando um quadrado com a casa grande; no imenso forno era feito pão para sessenta famílias. Jogados a um canto, entre vassouras e tiriricas, velhos ferros de prender escravo. Ando pelas salas imensas; há uma tristeza surda no casarão onde outrora soaram as botas do senhor e do feitor, na varanda dos fundos onde as moças com certeza vinham conversar de tarde.

Leio histórias de Vassouras, Valença, antigas fazendas, vejo fotografias de grupos de famílias com homens barbudos, já visitei velhas salas-de-visita conservadas como eram, folheei albuns, espiei ruínas — tôda essa nobreza fundada apenas no trabalho dos pretos, tôda essa civilização morta, com suas grandezas e seus precários requintes me dá apenas desgosto, melancolia. O encanto de suas iaiás e os gestos de seus barões se perdem na torva banalidade da longa escravatura. E como ainda estamos perto de tudo isso, dessa rotina torpe do cativo, como é recente e pesado êsse passado do Brasil, como tudo é opressor, os muros, os ferros, as gordas igrejas barôcas, as pedras, o barro das tipas e adôbes!

Durmo na rede; lá fora, na goiabeira, uma cambaxirra canta.



no meio do mato; Estivo-me  
tai pas